

Estratégia projetual e configuração urbana: estudo morfológico de duas cidades novas no Brasil de meados do século XX

Renato Leão Rego, Andrya Hollatz, Gustavo Cardoso e Maria Tavares
Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5.790 Jd. Universitário Maringá,
Paraná, Brasil CEP 87020-900. Email: rlrego@uem.br.

Artigo revisto recebido a 12 de Junho de 2017

Resumo. *Cianorte e Angélica são cidades novas planejadas em frentes pioneiras de colonização agrícola no interior do Brasil. Ambas traçadas nos primeiros anos da década de 1950, cada uma delas se filia a uma tradição urbanística específica: Cianorte fez ressoar tardiamente a noção da cidade como obra de arte, conjugada com princípios formais do ideário cidade jardim; Angélica concretizou precocemente no país o urbanismo racionalista da cidade funcional. Contrastando as duas formas urbanas, este trabalho explora as estratégias adotadas por seus projetistas e trata de apontar potencialidades e fragilidades destes traçados. Como resultado, este estudo morfológico revela, por um lado, a conformação de uma cidade moldada por preceitos clássicos de composição e a criação de uma paisagem urbana única, e, por outro, de uma cidade radicalmente moderna, funcionalmente padronizada e uniforme. Nos dois casos, a estratégia projetual repercutiu no desenvolvimento da forma urbana: em Angélica o uso e a ocupação do tecido urbano não se sujeitaram à configuração modernista e revolucionária dos elementos morfológicos; em Cianorte, o crescimento urbano ignorou o projeto da cidade bela e deixou de materializar o urbanismo proposto.*

Palavras-chave: cidade jardim, city beautiful, cidade funcional, Cianorte, Angélica

Introdução

Em São Paulo, nos primeiros anos da década de 1950, dois urbanistas projetaram cidades novas a serem construídas no interior do país. Contratados pela iniciativa privada, os dois trabalharam para as frentes pioneiras de colonização agrícola, impulsionadas pelo processo de modernização do país e de ocupação das fronteiras nacionais promovido pelo governo de Getúlio Vargas sob o *slogan* de Marcha para Oeste. O primeiro, Jorge Wilhelm, arquiteto recém-graduado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Presbiteriana Mackenzie em 1952, projetou Angélica no Mato Grosso (do Sul) em 1954 (Wilhelm, 2003, p. 33). O segundo, Jorge de Macedo Vieira, engenheiro formado pela

Escola Politécnica em 1917, traçou a planta de Cianorte – uma das quatro cidades principais fundadas pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, que iniciou os trabalhos de levantamento para o projeto desta nova cidade em 1951 e começou sua implantação no norte do estado do Paraná em 1953 (Bonfato, 2008, p. 124; Steinke, 2007, p. 151).

Dois tradições urbanísticas estavam então em vigor. Com efeito, na América Latina em geral, a convivência entre os novos ideais modernistas e as ideias acadêmicas já era detectada desde a década de 1920 (Pinheiro, 2010) e persistiu até a hegemonia do urbanismo funcionalista pós-Brasília. O jovem Wilhelm, que afirmou ter então vasto conhecimento teórico, estava familiarizado

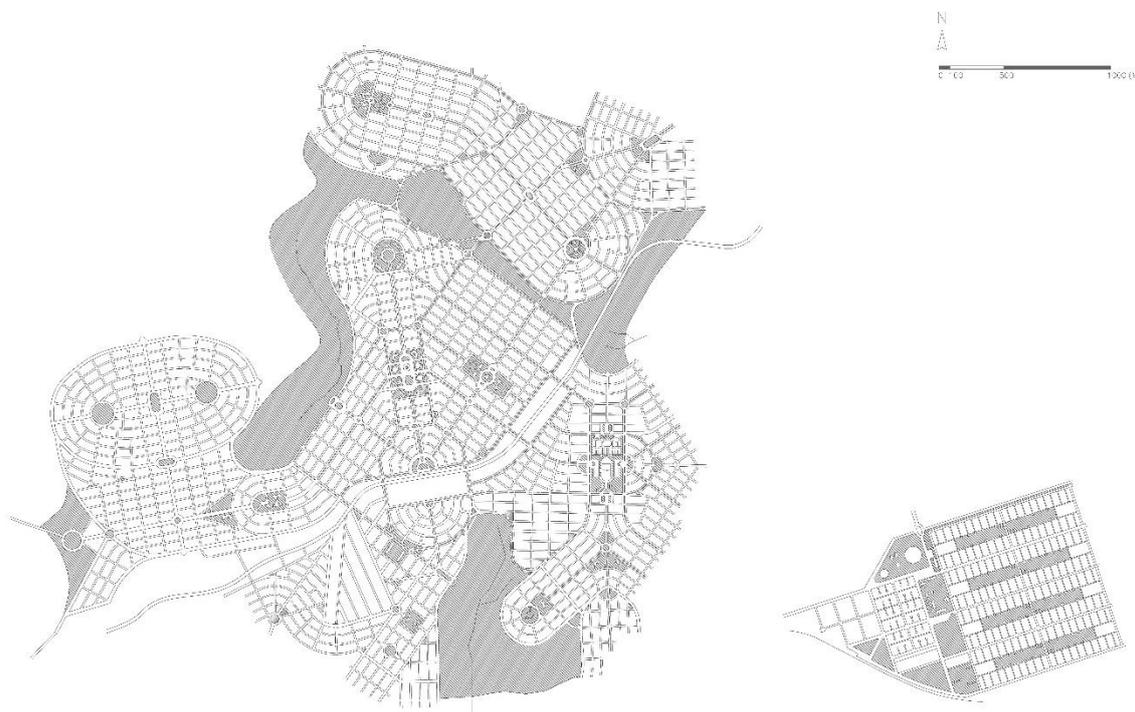


Figura 1. Plantas de Cianorte e Angélica.

com a obra de Le Corbusier e os postulados do urbanismo dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM), sem desconhecer a ‘urbanística inglesa e suas cidades-jardins’ (Wilheim, 2003, p. 33). O experiente Macedo Vieira já havia projetado inúmeros bairros jardim e três novas cidades – Águas de São Pedro (1937-1938), Maringá (1945-1947) e Pontal do Sul (1951) – revelando uma prática híbrida, recorrendo ao ideário *garden city*, a aspectos formais do movimento *city beautiful* e a regras de composição *beaux-arts* (Bonfato, 2008). Desse modo, o urbanismo da cidade funcional foi experimentado em Angélica bem antes de sua realização exponencial em Brasília, enquanto o urbanismo academicista, empregado em Cianorte, possivelmente materializou um dos últimos traçados de cidade nova vinculada ao ideário ‘cidade bela’ no Brasil do século XX (Figura 1).

Este trabalho redesenhou e analisou os traçados de Angélica e de Cianorte e depende desta análise as estratégias adotadas no projeto das duas cidades novas. Ao observar a configuração, as

características e as relações dos elementos morfológicos (espaços públicos, vias, quadras e lotes), o trabalho convoca as tradições urbanísticas a que se filiam estes traçados e aponta suas intenções culturais específicas. Retomando procedimentos metodológicos de análises histórico-geográficas (cf. Oliveira, 2016; Costa e Netto, 2015) como as de Conzen (2004), este trabalho se volta para três aspectos interligados do tecido urbano: o plano da cidade, consistindo de sistema viário, padrão de parcelamento e arranjo das edificações; o uso do solo; e, por fim, o tecido edificado, consistindo, no caso específico deste trabalho que trata da projeção de duas cidades novas criadas *ex-nihilo*, das sugestões das estruturas físicas tridimensionais a serem edificadas (o papel reservado à arquitetura que deveria ocupar o chão da cidade e concretizar a paisagem que cada um dos projetistas tratou de desenhar). O estudo morfológico aqui desenvolvido contribui para o entendimento da gênese destas formas urbanas e da natureza de parte dos problemas urbanísticos detectados nestas duas cidades,

apontando potencialidades e fragilidades dos dois traçados. Nesse sentido ressalta-se a relevância da morfologia para a história das cidades e do urbanismo e para futuras intervenções na forma urbana existente.

O contraste das formas urbanas

Cianorte

O traçado de Cianorte se apresenta, ele próprio, como indício de modernidade no contexto da colonização e ocupação das terras roxas no norte do Paraná; era uma novidade que se chocava com a ‘tradição local’ e aquilo que era o convencional: franco contraste com a imensa maioria das cidades novas criadas na região, nas quais predominava a grelha como princípio de desenho urbano. Na frente pioneira de colonização, a cidade pautada pela estética e pela qualidade espacial era uma imagem do futuro, ainda que suas referências formais tivessem sido extraídas do ideário urbanístico do século XIX.

Entre as curvas reversas descritas pela linha férrea, Macedo Vieira estabeleceu a praça semicircular da estação – porta de entrada da cidade, da qual partiam três avenidas destacadas pela largura da via e pelos canteiros centrais, cujos eixos organizam o desenho das quadras retangulares na porção central da cidade. As duas avenidas laterais conduzem, respectivamente, a um parque urbano e à praça da igreja; a avenida central, de 65 m de largura, leva ao centro cívico, o conjunto de edificações ao redor de um amplo espaço livre – coração da cidade –, configurado como tantos outros centros cívicos desenhados segundo os preceitos do movimento *city beautiful*. A lista de precedentes exemplares para este arranjo central poderia incluir o projeto de Daniel Burnham para Chicago, de Alfred Agache para o Rio de Janeiro, de Francisco Prestes Maia para São Paulo, até mesmo o de Raymond Unwin para Letchworth e o do próprio Macedo Vieira para Maringá, projetada oito anos antes. O centro desportivo de Cianorte, tal como seu centro

cívico, também constrói um arranjo clássico de edificações e espaço livre.

O perímetro da cidade é irregular, refutando forma pré-concebida, e a mancha urbana amorfa é condicionada pelas áreas verdes delimitadas em torno das nascentes e ao longo dos córregos. Rotatórias articulam o encontro ortogonal das avenidas e a junção de múltiplas vias, decorrentes da acomodação de traçados regulares em superfícies irregulares. As distintas zonas residenciais de Cianorte não estão organizadas em torno de centros secundários, tal como a cidade em geral (e sua zona comercial central em particular) se organiza em torno do centro principal, o centro cívico. Ainda assim, estas zonas residenciais (principal, popular e operária) se individualizam pela configuração do conjunto de quadras ou pelos limites precisos encontrados em um parque ou avenida. Dois bairros residenciais destacados da mancha urbana principal sugerem que o crescimento da cidade não se dá por extensão indistinta ou reprodução da malha viária mas por constituição de novas individualidades.

Quadras e lotes tendem à configuração regular, retangular, com dimensões e áreas que excediam as medidas convencionais na região, criando uma paisagem urbana menos densa e mais permeável – atingindo em certos bairros residenciais a proporção aproximada de 131 m² / habitante. As quadras têm em média 70 x 150 m e os lotes, entre 560 e 700 m². A planta de Cianorte traçada por Macedo Vieira não chegou a especificar recuos para construções nos lotes urbanos; um código de obras e posturas para as cidades novas norte-paranaenses era geralmente aprovado apenas depois da emancipação do município. Entretanto, exercendo muitas vezes as funções de um Estado regulador e legislador, a companhia colonizadora determinava nas suas cidades (sua propriedade privada e seu negócio) as medidas urbanísticas pertinentes. Como cláusula de contrato de compra e venda de terrenos urbanos, ela se reservava o direito de indicar os alinhamentos a serem respeitados. Desse modo, salvo em casos excepcionais, como nas edificações da zona comercial, as construções mantiveram recuos frontais e laterais, garantindo salubridade e



Figura 2. Detalhe da planta de Cianorte (fonte: CMNP, 1953).

oferecendo permeabilidade visual por entre os espaços livres, intra e extramuros.

No plano geral de Cianorte, o traçado sinuoso (predominante em Maringá) deu lugar, como reconheceu Bonfato (2008, p. 128), ‘a um desenho próximo do clássico do século XIX’. Motivos formais como *trivium*, o *crescent* e perspectivas arrematadas por edificações de grande porte, como nos bulevares ‘hausmannianos’, ou por conjuntos de edifícios, espaços livres e vegetação, pontuam toda a planta da cidade (Figura 2). Edifícios públicos e privados ditos ‘especiais’ – como teatro, paço municipal, escolas, clubes, biblioteca, hospitais, creches, parques infantis, entre outros – foram estrategicamente posicionados no tecido urbano e atendem não apenas ao propósito funcional, mas sobremaneira ao aspecto estético. As sugestivas projeções destas construções – que nada tem a ver com prismas regulares, monoblocos e edifícios-lâmina modernistas – indicam a sua escala, e sua implantação confirma seu papel no arremate das perspectivas e na criação de conjuntos urbanos – edificações, vias, espaços públicos e vegetação ordenados segundo regras de composição *beaux-arts*. Neste sentido, monumentalidade e formalidade respondem por uma parte da estética urbana; a outra parte, mais circunscrita ao interior dos bairros, ressoa a ambiência pitoresca do subúrbio jardim, em ruas retas e sinuosas.

Angélica

As lições apreendidas da história da forma urbana e do urbanismo (e empregadas em Cianorte) foram descartadas e, desvencilhado do passado, o urbanista modernista repensou a cidade do seu tempo em termos primordialmente funcionais. A argumentação racionalista privilegiou a solução simplificada, reproduzível, supostamente bela segundo os parâmetros da era da máquina. Paris, o Grande Urbanismo e a ambiência pitoresca planejada do *jardin anglais* saíram de cena. E o lugar de um traçado orgânico, artístico, singular, foi tomado por uma forma mais geométrica, mais regular, mais padronizada. O traçado de Angélica é assim (Figura 1). Respeitadas as diferenças do número estimado de habitantes e, conseqüentemente, da dimensão das duas cidades, o contraste entre as formas urbanas de Angélica e Cianorte responde a tradições urbanísticas distintas, esquematizadas na bifurcação mapeada por Choay (1992 [1965]): Jorge Wilhelm seguiu a autopista do urbanismo progressista, distanciando-se do caminho do urbanismo culturalista trilhado por Jorge de Macedo Vieira.

Igualmente projetada junto à linha sinuosa de uma futura estrada de ferro, Angélica apresenta um formato regular, retangular (não fosse a sinuosidade da ferrovia), decorrente das vias ortogonais e do conjunto de quadras retangulares dispostas em um terreno com pouca declividade. Esta mesma precisão formal foi aplicada à configuração das funções urbanas, definidas pela Carta de Atenas. A cidade está nitidamente dividida em setores: o de depósitos e oficinas junto à via férrea, o comercial, o recreativo e o residencial, que se articulam em torno do centro cívico, o *core* da cidade. Além desta segregação de usos, foi fundamental para a conformação da cidade a distinção entre vias de pedestres e vias de automóveis. O setor comercial, posicionado entre o setor de oficinas e o centro cívico, pode ser acessado por vias de pedestres, traçadas no sentido longitudinal da cidade, e vias para automóveis, transversais, que terminam em *cul-de-sacs* no interior das quadras comerciais. Adjacente ao setor comercial, se encontrariam a quadra dos

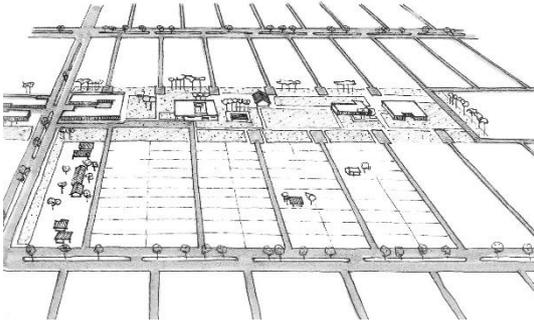


Figura 3. Perspectiva de Angélica
(fonte: Wilhelm, 2003).

hospitais e a quadra do quartel, da cadeia, e do corpo de bombeiros. Entre o setor comercial e o setor residencial fica o centro cívico, que deveria acomodar prefeitura, igreja, hotel e espaço para feira livre. Estabelecendo uma faixa de áreas institucionais que atravessa transversalmente toda a cidade, o centro cívico seria arrematado pela praça de esportes e recreação ao norte e, ao sul, pelo jardim botânico e uma reserva de mata natural.

No setor residencial (Figura 3), superquadras de 670 x 370 m, delimitadas por avenidas de 23 m de largura, foram posicionadas no sentido longitudinal da forma da cidade; nelas, quadras de aproximadamente 130 x 70 m mantinham uma densidade aproximada de 91 m² / habitante. As superquadras deveriam ser atravessadas longitudinalmente por uma área verde contínua, livre de automóveis, que se destinava a usos coletivos: ‘escolas, clubes, creches, igrejas, campos esportivos, locais de piquenique’ (Wilhelm, 2003, p. 33), e em uma das extremidades da superquadra estava delineada uma área para o comércio vicinal. Há divisão de lotes residenciais e, portanto, diferentemente do que pregava Le Corbusier, as habitações foram implantadas em lotes isolados, e não em edificações verticalizadas de alta densidade em meio a extensões verdes. Os lotes residenciais, de aproximadamente 455 m², se abrem para ruas mais estreitas (de 7 m de largura) e sem saída, perpendiculares ao parque no miolo da superquadra, ‘evitando o desconforto do trânsito de passagem’ (Wilhelm, 2003, p. 33), de modo que as casas têm uma única frente. Na sua proposta para o plano piloto

Brasília, Wilhelm reproduziu o esquema de Radburn, no qual as casas tem uma frente para o parque e outra para a via de acesso a elas (Tavares, 2014).

O setor residencial, que pode expandir-se linearmente por reprodução mecânica – seriada a modo de carimbo, continuada por extrusão – das quadras padronizadas, recorre à adaptação da ideia de unidade de vizinhança desenvolvida por Clarence Perry na década de 1920 e aplicada por Clarence Stein e Henry no traçado de Radburn (1929) – ‘a cidade jardim da era do automóvel’, e mais tarde também refeita por Lucio Costa no plano piloto de Brasília. Como em Brasília – e diferentemente de Radburn e do pitoresco Setor Sul de Goiânia –, as unidades de vizinhança de Angélica são uniformes, similares e equivalentes.

O esquema de implantação das edificações na faixa verde de aproximadamente 235 x 350 m que configura o centro cívico sugere a mesma inversão que se deu no tecido urbano de Chandigarh, de Brasília, e de outras cidades modernistas: a relação entre figura e fundo existente na cidade tradicional foi invertida na cidade funcional modernista – passou-se do contínuo sólido para o vazio contínuo (Rowe e Koetter, 1995, p. 56; Kostof, 2009, p. 154; Braga, 2010, p. 202). Desse modo, enquanto na cidade tradicional a figura estava associada aos espaços vazios das ruas e praças e o fundo aos sólidos conformados pelo aglomerado edificado, na cidade funcional, materializada por edificações implantadas como objetos isolados e autônomos na extensão verde contínua, a figura passou a estar associada ao espaço privado dos edifícios e o fundo, ao espaço livre.

A rua-corredor, com as calçadas para o pedestre e o asfalto onde se misturam todos os tipos de veículos, acabou sendo substituída por um sistema de percursos separados para os pedestres e os veículos, traçado no espaço contínuo da cidade-parque. Diferentemente de Cianorte, o traçado viário de Angélica não contou com eixos ou perspectivas; e a figuratividade de praças e logradouros desapareceu em meio ao aspecto coletivo e indefinido dos espaços livres indivisos e à monofuncionalidade do zoneamento. Desse modo, no plano geral de

Angélica vê-se uma cidade genérica, pautada por questões eminentemente funcionais e organizada por uma estrutura em grelha e o mérito desta estrutura está precisamente na sua ordem conceitual, não-hierárquica, neutra.

Estratégias projetuais

A análise da composição do tecido urbano e o confronto de formas urbanas tão díspares permitem vislumbrar duas estratégias projetuais distintas. Em Angélica, o arquiteto e urbanista Jorge Wilhelm pôs em prática o processo modernista, notado por Holston (1993), de desfamiliarização e reconceitualização dos elementos morfológicos a fim de criar um novo modo de vida sob um arranjo espacial abstrato e funcionalista: a cidade segregada em setores definidos por sua função; quadras tratadas como superquadras, bairros transformados em unidades de vizinhança; ruas-corredor reduzidas a vias motorizadas sem construções lindas; percursos de pedestres em meio a amplitudes verdes com edificações dispersas. Em contrapartida, em Cianorte, o engenheiro civil e urbanista Jorge de Macedo Vieira ativou o imaginário urbanístico familiar para moldar artisticamente uma cidade a partir das vicissitudes do sítio. Cianorte é ainda trabalho de artesão. Angélica é produto da era da máquina e do raciocínio *fordista / taylorista*.

Assim como no traçado de Maringá, elaborado anos antes por Macedo Vieira, em Cianorte pode-se notar a aplicação dos preceitos urbanísticos aprendidos com Barry Parker, com quem Macedo Vieira estagiou em São Paulo em 1917, e aplicados pelo urbanista inglês nos seus projetos paulistanos e nos projetos britânicos assinados por ele e seu sócio Raymond Unwin, autor do *Town planning in practice: an introduction to the art of designing cities and suburbs* (1909). Leituras como a deste texto bem como a do manual de urbanismo escrito por Camillo Sitte – *L'Art de bâtir les villes* (edição francesa de 1918) – e de *Préliminaires d'art civique*, de Louis van der Swaelmen, complementaram a formação de Macedo Vieira – e figuram como referência para o

seu exercício projetual.

Tal como nestes manuais, o urbanismo de Cianorte é intensamente arquitetônico. Lá, o urbanista tratou de aplicar noções da arquitetura à construção da cidade, recorrendo a um 'hibridismo' (cf. Bonfato, 2008) que fez ressoar o ideário *garden city* assim como todas as lições do repertório formal do urbanismo entendido como arte urbana (*Art Urbain, Art Public, Civic Art, Stadt-Baukunst, City Beautiful* – cf. Calabi, 2012, p. 100). Projetado o olhar do arquiteto em um contexto espacial que tratava de conjuntos de edificações, espaço livre e vegetação, a arte e seus princípios clássicos de composição moldaram a beleza urbana (Rego, 2012): o urbanista então compôs, moldou, dispôs (Figura 4). E, no seu manual de urbanismo, Raymond Unwin trata da individualidade da forma urbana como uma qualidade positiva, alcançada com a sujeição da forma à especificidade do lugar: um 'consciente desenho artístico das irregularidades' (Unwin, 1909, p. 104) que sabe conjugar a regularidade natural do desenho ordenado e a igualmente natural irregularidade do sítio – o que se pode notar na composição, na modelagem e na disposição de Cianorte em seu contexto físico. Com efeito, o politécnico Macedo Vieira tratou o desenho de Cianorte como questão formal, diferentemente de Wilhelm em Angélica, que executou um traçado cartesiano, regular, seriado.

Em favor da 'cientificidade do urbanismo' o desenho da cidade fora menosprezado, 'arquivando-o como sinônimo do urbanismo acadêmico europeu' (Wilhelm, 1969, p. 109). E, desse modo, o arquiteto Wilhelm não se propôs lidar com problemas de forma, tal como Mies van der Rohe, que dizia não tratar de resolver problemas de forma em sua arquitetura, mas sim problemas de construção (Rohe, 1999, p. 81). Wilhelm havia lido 'toda a obra de Corbusier' e com ele aprendera principalmente 'os conceitos urbanísticos' (Wilhelm, 2003, p. 85); apreciava Erich Mendelsohn, preferia Marcel Breuer a Walter Gropius, sentia fascínio pela obra de Frank Lloyd Wright; e 'se inspirava' em Mies van der Rohe, quem conheceu por ocasião da participação do arquiteto alemão na IV Bienal de São Paulo, em 1957. A

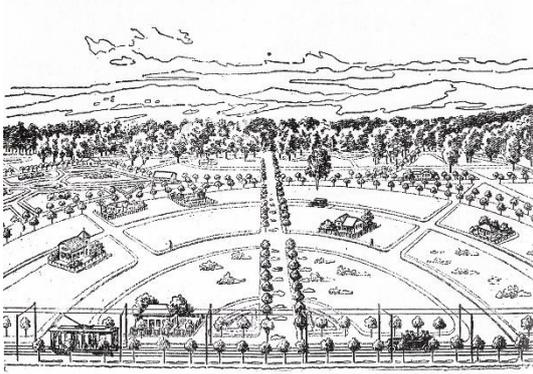


Figura 4. Perspectiva do bairro Nova Manchester, 1925 (fonte: ‘O Estado de São Paulo’).

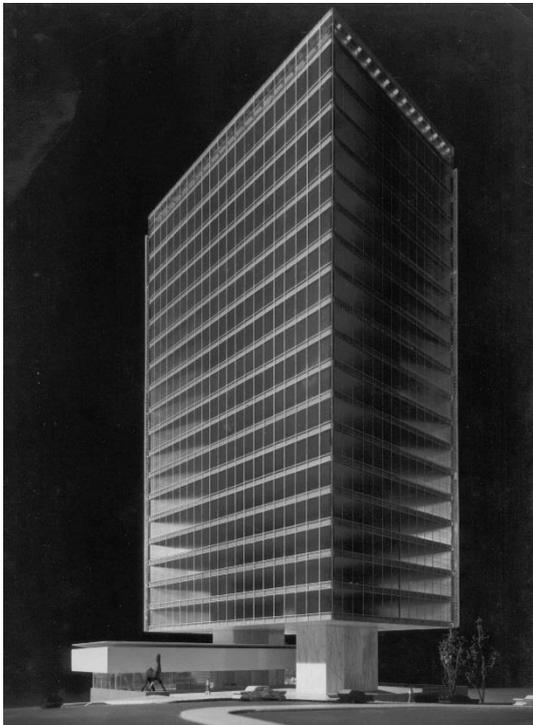


Figura 5. Maqueta do projeto do edifício do Jockey Clube (fonte: Millan *et al.*, 1959).

inspiração miesiana pode ser notada no projeto vencedor do concurso de 1959 para a sede social do Jockey Clube de São Paulo, apresentado por Wilhelm e equipe (Figura 5).

Com efeito, o traçado de Angélica classificou, separou, ordenou, padronizou – e, idealizado segundo a ordem geométrica e a regra da máquina, certamente encantaria Le Corbusier. A expansão urbana de Angélica se daria – como indicado na planta original –

por reprodução extensiva: mais do mesmo – um padrão que se perpetua na continuidade espacial. Em contrapartida, em Cianorte, cada novo bairro descortinaria uma possibilidade de configuração singular, consoante com a circunstância topográfica: individualização.

O método (supostamente) científico do urbanismo funcionalista trata de definir os mínimos elementos de cada função urbana para encontrar ‘a’ solução projetual mais simples, que se tornará uma constante inclusive para situações mais complexas (cf. Benevolo, 1993 [1975], p. 634). Mas, como apontou Calabi (2012, p. 237), esta postura dos urbanistas funcionalistas correspondeu à sua adesão ao positivismo, ou seja, ‘ao modo de classificarem o espaço em partes e escalas diferentes, tentando, assim, reduzir-lhe a complexidade’.

Desse modo, a cidade funcional – Angélica inclusive – descartou a ideia da calçada como elemento de vivência. Aceitando a crítica de Jane Jacobs ao urbanismo funcionalista, Wilhelm, mais tarde, reconheceu que as vias exclusivas para pedestres, das quais se afastaram os veículos de modo absoluto ou parcial, foram abandonadas ou pouco usadas e que as tentativas de se criar ‘caminhos verdes’, levando do domicílio ao centro da cidade, na verdade criaram vias incômodas, inseguras porque desertas e de pouco controle mútuo (Wilhelm, 1969, p. 108).

Do mesmo modo, anos mais tarde, Wilhelm tratou de recodificar o valor simbólico das arquiteturas e de sua função identificadora no tecido urbano (Wilhelm, 1969, p. 109). Pois, segundo ele, os urbanistas há muito haviam abandonado a ideia de que os campanários das igrejas haviam sido erguidos também para se destacar do casario e orientar os cidadãos que perambulasse por entre as edificações – e era já tempo de recuperar tal noção.

Mas as características destas duas paisagens urbanas revelam, no próprio projeto, as suas potenciais fragilidades. Em Cianorte, nota-se a necessidade premente de edificações condizentes com a natureza do urbanismo academicista. Com efeito, a ausência desta arquitetura compatível (com a escala do traçado por vezes monumental e pomposa) prejudicou a imagem da cidade,

menos legível e sem os edifícios referenciais. Além disso, o desenvolvimento da forma urbana foi mais mecânico e menos atento à qualidade espacial do projeto original. Desse modo, dos três aspectos considerados na análise morfológica – o plano da cidade, o uso do solo e o tecido urbano –, este último apresentou maior incongruência com o projeto original.

Em Angélica, nota-se a monotonia da racionalização e da previsibilidade da forma urbana, além da difícil sujeição da população a espaços urbanos tão distintos da cidade tradicional. O que efetivamente aconteceu. A cidade não atingiu a população originalmente estimada e seu desenvolvimento se deu internamente, ou seja, ocupando espaços que, segundo o projeto, deveriam ficar livres. Dos três aspectos da análise morfológica, o uso do solo revela alterações significativas, na medida em que rejeitou o zoneamento original radical: de fato não se verifica separação de usos em setores funcionais; o comércio se espalhou por quase toda a cidade e penetrou nas áreas residenciais, e o comércio vicinal previsto para as unidades de vizinhança não vingou – estas áreas permanecem vazias ou foram ocupadas por usos residenciais e institucionais. Tal como em Cianorte o centro cívico de Angélica tampouco foi realizado conforme o projeto original (Saboya, 2010). Em Angélica as atividades administrativas acabaram espalhadas pela malha urbana e o centro cívico, que deveria abrigar essas funções, foi descaracterizado e não desempenha esse papel nem do ponto de vista funcional nem do ponto de vista simbólico. Em Cianorte, o centro cívico reúne edifícios públicos, mas está desprovido do caráter que lhe fora atribuído originalmente.

Conclusão

A conformação da cidade e a expansão urbana indicada nos dois projetos revelam as estratégias projetuais adotadas pelos projetistas: em Cianorte, a especificidade de cada área urbana foi criada por um processo de individualização, respondendo à circunstância do sítio e aos preceitos estéticos do urbanismo academicista e articulando elementos morfológicos

tradicionais; em Angélica, a projeção de elementos morfológicos inusitados – depois da ‘desfamiliarização’ e reconceituação dos elementos tradicionais – foi repetida em processo mecânico, uniforme.

O tratamento da forma urbana nos dois traçados é radicalmente distinto: em Cianorte o urbanismo é ainda uma questão formal; em Angélica, a forma é questão menor, uma vez que a cidade foi configurada a partir dos seus aspectos funcionais, formatados *a priori*. Respondendo a duas tradições urbanísticas distintas, Cianorte e Angélica representam a convivência do urbanismo academicista e do urbanismo funcionalista no Brasil de meados do século XX, até a hegemonia deste último no período pós-Brasília.

O traçado da cidade bela que caracteriza Cianorte é fortemente tributário de uma arquitetura que complete as suas configurações espaciais: conjuntos artisticamente compostos de espaços livres, vegetação e edificações. Com efeito, a análise morfológica evidenciou as incongruências entre o tecido edificado e aquele proposto no projeto original. Por outro lado, o traçado da cidade funcional que caracteriza Angélica, padronizado, indistinto e segregado, carece de referências visuais que desviem a especificidade funcional do empobrecimento da paisagem urbana. A análise morfológica mostrou os problemas decorrentes das alterações no uso e na ocupação do solo urbano, divergentes daqueles propostos originalmente. Apesar das fragilidades encontradas nos dois traçados, a autocrítica de Jorge Wilhelm não deixa de sugerir a reconsideração do urbanismo de Cianorte – estratégia projetual um dia refutada, mas ainda potente pela artisticidade, pela questão ambiental, pela qualidade espacial.

Referências

- Benevolo, L. (1993 [1975]) *História da cidade* (Perspectiva, São Paulo).
Bonfato, A. C. (2008) *Macedo Vieira. Ressonâncias do modelo cidade-jardim* (Senac, São Paulo).
Braga, M. (2010) *O concurso de Brasília* (Cosac Naify, São Paulo).
Calabi, D. (2012) *História do urbanismo europeu* (Perspectiva, São Paulo).

- Choay, F. (1992 [1965]) *O urbanismo* (Perspectiva, São Paulo).
- Conzen, M. R. G. (2004) *Thinking about urban form. Papers on urban morphology, 1932-1998* (Peter Lang, Oxford).
- Costa S. A. P. e Netto M. M. G. (2015) *Fundamentos de morfologia urbana* (C/Arte, Belo Horizonte).
- Holston J. (1993) *A cidade modernista* (Companhia das Letras, São Paulo).
- Kostof, S. (2009) *The city shaped* (Bulfinch Press, Nova Iorque).
- Millan, C., Wilhelm, J. e Schneider, M. T. (1959) 'Sede social do Jockey Club de São Paulo', *Acrópole* 259, 159-65.
- O Estado de São Paulo*. Edição 16788, de 8 de Fevereiro de 1925.
- Oliveira, V. (2016) 'Morfologia urbana: diferentes abordagens', *Revista de Morfologia Urbana* 4, 65-84.
- Pinheiro, E. P. (2010) 'As ideias estrangeiras criando cidades desejáveis na América do Sul: do academicismo ao modernismo', *Scripta Nova* XIV (331) (<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-331/sn-331-11.htm>) consultado em 15 de Maio de 2017.
- Rego, R. L. (2012) 'Ideias viajantes: o centro cívico e a cidade como obra de arte – do city beautiful ao coração de Maringá', em Freitas, J. F. B. e Mendonça, E. M. S. (eds.) *A construção da cidade e do urbanismo: ideias tem lugar?* (EDUFES, Vitória) 161-76.
- Rohe, L. M. van der (1999 [1924]) 'A arte de construir e o espírito da época', em Rego, R. L. (ed.) *A palavra arquitetônica* (Arte & Ciência, São Paulo) 77-82.
- Rowe, C. e Koetter, F. (1995) *Collage city* (The MIT Press, Cambridge).
- Saboya, R. (2010) 'Permanência e renovação da morfologia urbana modernista – um estudo de caso sobre Angélica – MS', *Arquitextos*, 1221.05, ano 11 (<http://www.arquitextos.com.br/revistas/read/arquitextos/10.121/3448>) consultado em 6 de Maio de 2017.
- Steinke, R. (2007) *Ruas curvas versus ruas retas: a trajetória do urbanista Jorge de Macedo Vieira* (UEM, Maringá).
- Tavares, J. (2014) *Projetos para Brasília: 1927-1957* (IPHAN, Brasília).
- Unwin, R. (1909) *Town planning in practice. An introduction to the art of designing cities and suburbs* (T Fisher Unwin, Londres).
- Wilhelm, J. (1969) *Urbanismo no subdesenvolvimento* (Saga, Rio de Janeiro).
- Wilhelm, J. (2003) *A obra pública de Jorge Wilhelm* (Dorea Books, São Paulo).

Tradução do título, resumo e palavras-chave

Design strategy and urban configuration: morphological study of two new towns in mid-twentieth century Brazil

Abstract. *Cianorte and Angélica are two new towns planned in Brazilian hinterlands' pioneering agricultural colonization zone. Both designed in the early 1950s, each one is linked to a specific town planning tradition: Cianorte late resonated the notion of the city as a work of art, alongside with some features of the garden city; Angélica early exemplified in Brazil the rationalist urbanism for a functional city. By contrasting the urban forms of the two cities, this paper explores the adopted design strategies, and points out their potentialities and weaknesses. As a result, this morphological study unveils, on the one hand, the layout of a town according to classical precepts of composition and the creation of a unique townscape; and, on the other hand, the configuration of a radically modern, functionally standardized and uniform town. In both cases the adopted design strategy impacted the development of the urban form: in Angélica, the land use pattern and the built form did not follow the revolutionary, modernist configuration of the morphological elements; in Cianorte, the urban growth ignored the city-beautiful layout and did not materialize the planning proposals.*

Keywords: garden city, city beautiful, functional city, Cianorte, Angélica